

técnicos em raios X e técnicos em radioterapia, e não apenas simples operadores, porque eles são realmente técnicos, em virtude do estudo a que estão obrigados, dos exames que prestam e da grave responsabilidade que sobre eles pesa. A sua reclassificação deveria ser feita na referência inicial 16, com possibilidade de direito a promoção. E assim, os atuais chamados manipuladores de chapas radiográficas, com todos os títulos e direitos dos técnicos em raios X, e técnicos em radioterapia, deveriam ser colocados em igual referência, pois comprovado foi terem sido injustiçados, por um lamentável equívoco, no plano de classificação.

Ao mesmo tempo, peço às autoridades do Executivo que examinem essa informação, que recebo de São Paulo, de que a Lei número 1.234, de 14-11-50, que confere direitos e vantagens a servidores que trabalham com raios X e substâncias radioativas, não vem sendo devidamente cumprida, pelo menos no Estado de São Paulo.

Muito grato, Sr. Presidente. *(Muito bem).*

Durante o discurso do Senhor Nicolau Tuma, o Sr. Valério Magalhães; Suplente de Secretário deixa a cadeira da presidência, que é ocupada pelo Sr. Último de Carvalho (Artigo 53 do Regimento Interno).

O SR. VALÉRIO MAGALHÃES *(Para uma comunicação)* * — Senhor Presidente, Srs. Deputados, novamente os inimigos de Brasília estão em plena atividade. O assunto em moda, o prato do dia é o retorno à maravilhosa, encantadora, irradiante cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro. Entretanto, se fôssemos analisar os motivos aqui expostos por vários oradores, por diversos nobres colegas nossos, chegaríamos à con-

clusão de que, em absoluto, espelham a realidade dos fatos. Traduzem apenas o desajustamento daqueles que nasceram no Brasil feliz, em berço esplêndido, às margens do Atlântico ou à sua orla; daqueles que não conhecem nosso País nas suas mais longínquas localidades, nas regiões fronteiriças; daqueles que só conhecem, como meio de locomoção, o cadilque, o avião e quando muito o trem de luxo. O gesto é de impatriotismo. Representa egoísmo de alguns, contra muitos. Desconhecendo o Brasil do interior, os retornistas trazem, com essa atitude, a desesperança às populações sofredoras do outro Brasil.

Há poucos dias, reunimo-nos aqui, em assembléia com os parlamentares de diversas nações do mundo. Brasília esteve, naquelas duas semanas, com o que de mais significativo, no que diz respeito à representação desses países, poderia ser agasalhado nesta Casa.

Esta Capital serviu à altura das necessidades da Conferência Interparlamentar. Não houve por que se dissesse: "Estamos com falhas". Se fôsse no Rio, isto não aconteceria. Tudo correu bem. Até um banquete de 800 talheres, no Hotel Nacional, em imenso salão, decorreu como se fôsse realizado no Copacabana Pálace.

Dizem os inconformados que não temos condições de vida em Brasília. Sim, para os que nasceram no Rio ou em São Paulo, isto é possível, mas, para nós, que nascemos em cidades do interior, em povoações humildes, mesmo em todas as outras Capitais do Norte, Nordeste e Extremo Oeste, Brasília é um oásis, Brasília é um Eldorado.

Não reconhecem, esses opositores de Brasília, que estão, dia a dia, sacrificando esta já mártir Capital. Tivemos, com a renúncia do Sr. Jânio Quadros, aquelas crises sucessivas, mercê de Deus e desta Casa, superadas.

* Não foi revisto pelo orador.

Sr. Presidente, se Brasília não fôsse a Capital, talvez não estivéssemos reunidos nesta Assembléia, como representantes do povo, trabalhando pelo povo. Talvez tivéssemos um regime ditatorial impedindo em nossa Pátria. Brasília salvou o País de uma guerra intestina, de uma guerra entre irmãos, esta a verdade.

Todos sabemos que não é de hoje — não desta, mas de outras gerações — o ideal de que a Capital saísse do litoral e viesse para o centro, a fim de agir como coração pulsante em plena atividade propulsora de progresso, levando o oxigênio a todas as células, que são as unidades mais afastadas: o Brasil desconhecido. Foi por isso, que Brasília surgiu, com missão de integração nacional. E hoje se procura, novamente, falar em retorno, que seria a morte desta cidade. Quais os motivos? Devemos ser francos, sinceros. Três podem ser. Um deles, talvez o principal, é ser Brasília obra resultante do trabalho do Partido Social Democrático, por só ter sido possível a sua instalação, graças ao ardor do Presidente Juscelino Kubitschek. Receia-se que ele volte em 65 e, para que se evite isso, é preciso, desde agora, solapar a sua obra, a estrada ascensional desse homem, que tanto trabalhou pelo País. O segundo motivo, disse ao início de minhas palavras: é o saudosismo das praias, das boates, das orgias que a Cidade Maravilhosa oferece. Não se acomodaram a uma cidade administrativa os que só sabem trabalhar com excessivo conforto. Alérgicos à tranquilidade do Planalto, afirmam que estamos num deserto, sem ressonância aos seus arroubos demagógicos. Sim, foi um deserto, que se transformará dentro em breve em organismo propulsor de administração febril, eficiente e equilibrada, em prol da Pátria brasileira.

Sr. Presidente, essas notícias causam decepções. Ai está o nos-

so comércio, a iniciativa privada, a organização bancária, as construções particulares. Com essa notícia do retorno, tudo pára. Vem a desesperança, o justo receio, e quem sofre é a Capital onde, dia a dia, mais escasseiam as iniciativas privadas. O próprio Poder Público — sobretudo o Executivo — não cumpre o seu dever de reconhecer que há uma Capital a qual se deve fixar. São convocados governadores para o Rio de Janeiro como se não estivessem bem em Brasília, com ambiente para tais reuniões. De Teresina, por exemplo, — e não quero com isso diminuir a Capital daquele sofrido Estado do Nordeste — quem viesse para Brasília, teria muito mais conforto do que lá. Por que a reunião no Rio? O Primeiro-Ministro convoca os líderes para o Rio de Janeiro, e os Líderes vão. Por que vão? Que poder, tem o Primeiro-Ministro para convocá-los? Ele é que deveria e deve ser convocado. Aqui, nesta Casa, tem S. Exa. um Gabinete — para nos ouvir, delegação que é do povo, por nossa deliberação.

Sr. Presidente, é preciso que esta Casa seja realmente viril. A nós, representantes do povo, e da Nação, se impõe dizermos que o retorno é uma farsa. A Capital é em Brasília e continuará em Brasília, a não ser que se queira, neste País, fomentar uma revolução, porque ela virá, se chegarmos a esse desplante, a esse crime, a esse ato impatriótico de emendarmos a Constituição para proporcionar o retorno à Cidade Maravilhosa ou a outra qualquer do País.

Faço, não só aqui, como homem do interior, o meu protesto, em nome das gerações sofridas deste Brasil desconhecido, do Brasil das mangedouras, para o qual Brasília representa esperança, bem-estar nos dias do porvir.

Brasília é a Capital do País!

(Muito bem. Palmas).